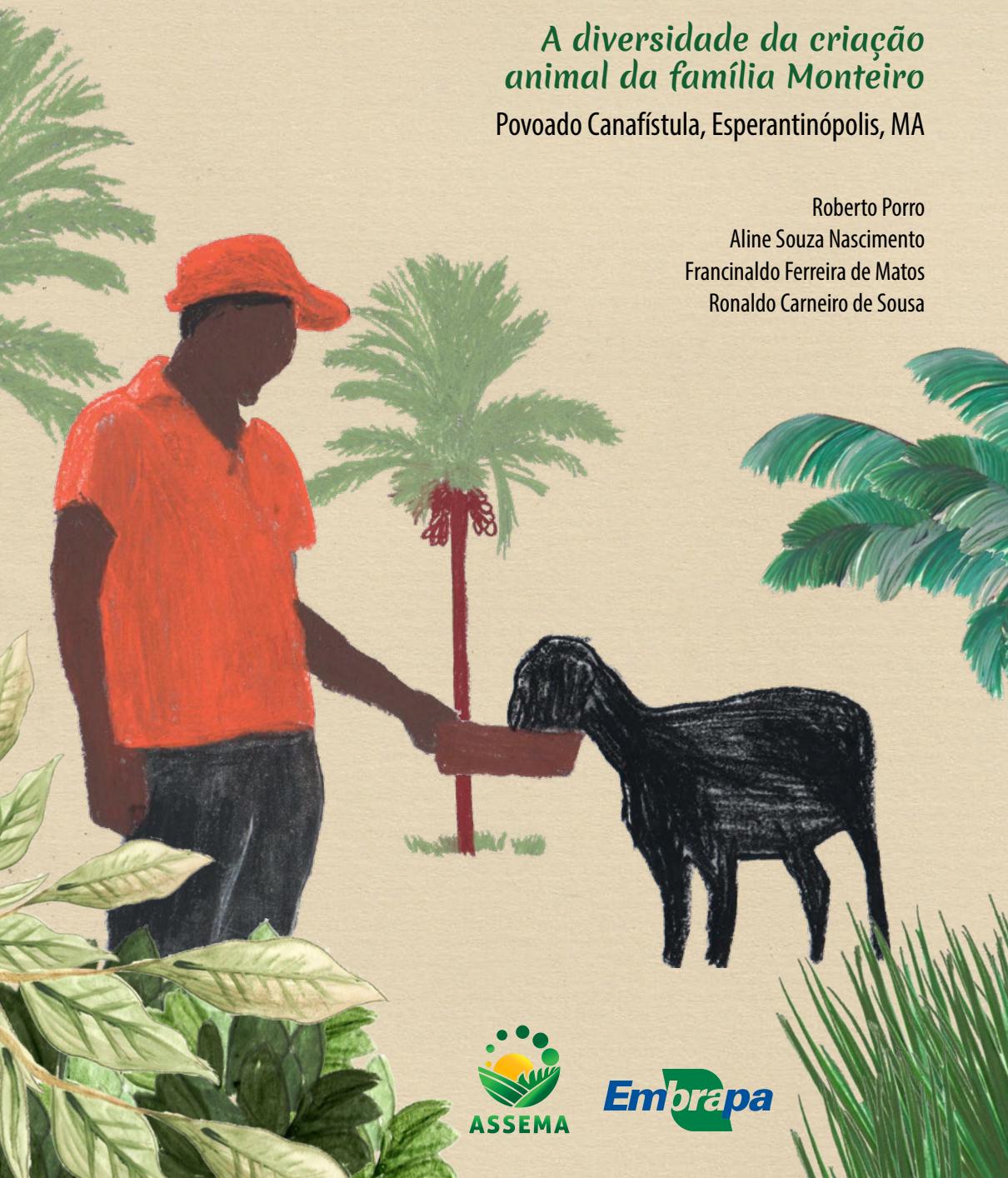


A diversidade da criação animal da família Monteiro

Povoado Canafistula, Esperantinópolis, MA

Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Francinaldo Ferreira de Matos
Ronaldo Carneiro de Sousa



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
Embrapa Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão*

Mestres do Agroextrativismo no Mearim
Volume 18

***A diversidade da criação
animal da família Monteiro***

Povoado Canafistula, Esperantinópolis, MA

*Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Francinaldo Ferreira de Matos
Ronaldo Carneiro de Sousa*

Embrapa
Brasília, DF
2020

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W5 Norte (final)
70770-917 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4700
Fax: (61) 3340-3624
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

Embrapa Amazônia Oriental

Trav. Dr. Enéas Pinheiro, s/nº
Caixa postal 48
66095-903 Belém, PA
Fone: (91) 3204-1000
Fax: (91) 3276-9845

Unidade responsável pelo conteúdo

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Comitê Local de Publicações

Presidente

Marília Lobo Burle

Secretária-executiva

Ana Flávia do N. Dias Côrtes

Membros

Antonieta Nassif Salomão; Bianca Damiani Marques; Diva Maria Alencar Dusi; Francisco Guilherme V. Schmidt; João Batista Teixeira; João Batista Tavares da Silva; Maria Cléria Valadares-Inglis; Rosamares Rocha Galvão; Tânia da Silveira Agostini Costa

Editores técnicos da coleção

Roberto Porro

Anderson Cássio Sevilha

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

A diversidade da criação animal da família Monteiro : Povoado Canafistula, Esperantinópolis, MA / Roberto Porro ... [et al.]. – Brasília, DF : Embrapa, 2020.

54 p. : il. ; 16 cm × 22 cm. – (Mestres do agroextrativismo no Mearim, 18)

ISBN 978-65-87380-01-8 (obra compl.). – ISBN 978-65-86056-79-2 (v. 18)

1. Médio Mearim. 2. Extrativismo sustentável. 3. Manejo. 4. Boas práticas. 5. Agricultura familiar. I. Porro, Roberto. II. Nascimento, Aline Souza. III. Matos, Francinaldo Ferreira de. IV. Sousa, Ronaldo Carneiro de. V. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. VI. Coleção.

CDD (21 ed.) 630.5

Autores



Roberto Porro

Engenheiro-agrônomo, doutor em Antropologia Cultural, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

Aline Souza Nascimento

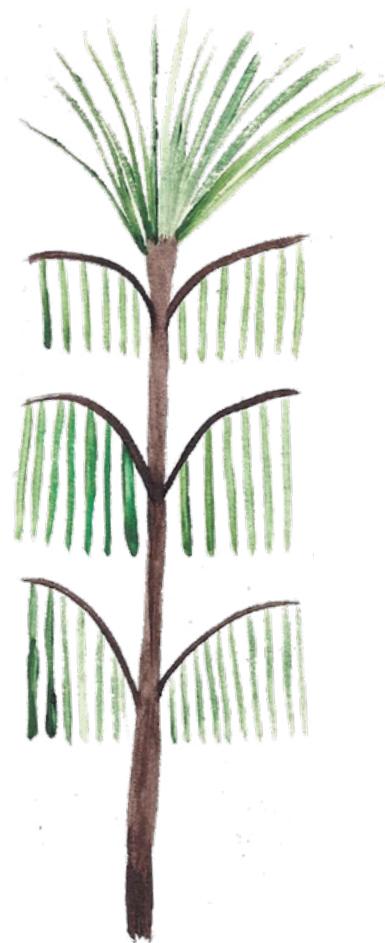
Cientista social, mestrandanda da Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Francinaldo Ferreira de Matos

Administrador de empresas, mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, assessor do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco-Babaçu, São Luís, MA

Ronaldo Carneiro de Sousa

Técnico em agropecuária, assessor da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, Pedreiras, MA





Agradecimentos

Agradecemos o apoio institucional e financeiro concedido pela Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF).

Aos diretores e técnicos da Assema, que apoiaram a produção desta coleção, e especialmente às famílias que compartilharam conosco valiosas informações.

A todos aqueles que contribuíram na edição dos 30 volumes da coleção, especialmente à equipe de editoração da Embrapa. O apoio e engajamento de Nilda Sette e Waldir Marouelli foram fundamentais. E também ao Cláudio Quinto Filho, da Assema, e Renan Matias, do projeto Bem Diverso, pela elaboração dos croquis dos estabelecimentos rurais.

Esperamos que as publicações geradas contribuam para dar visibilidade aos objetivos de desenvolvimento e bem-estar das comunidades agroextrativistas do Território do Médio Mearim, no estado do Maranhão.





Apresentação

Promover o desenvolvimento local e conservar a biodiversidade brasileira é um dos objetivos do projeto Bem Diverso, implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e coordenado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). Com foco nesse objetivo, foi elaborada uma coleção de 30 publicações, intitulada Mestres do Agroextrativismo no Mearim, em parceria com a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema).

As publicações trazem experiências e iniciativas locais consideradas bem-sucedidas no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.).

A apresentação dessas experiências nesta coleção, realizada em conjunto pela Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e a Embrapa Amazônia Oriental, marca mais uma etapa do trabalho desenvolvido pelas Unidades no projeto Bem Diverso, e reúne capacidades técnicas de inovação em biomas tão importantes como a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga, que se cruzam no Território da Cidadania do Médio Mearim.

Tendo como base as iniciativas para o manejo sustentável da palmeira babaçu, a coleção aborda temas como reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas; cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; comercialização de hortaliças produzidas de forma sustentável; pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; inovações na criação de pequenos animais; processamento local de frutas, mandioca ou leite e processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

Essa diversidade de temas mostra que estabelecer parcerias, como esta entre a Embrapa e diversas entidades, valoriza o trabalho de centenas de famílias agroextrativistas que realizam atividades exitosas no manejo sustentável e ajuda a manter e divulgar os princípios que são tão caros para a unidade familiar de produção, preservando o passado e antecipando o futuro, com os saberes tradicionais e as tecnologias de ponta em um só compasso.

Maria Cléria Valadares-Inglis
Chefe-Geral da Embrapa Recursos
Genéticos e Biotecnologia





Prefácio

Mais de 130 mil pessoas vivem na área rural do Território do Médio Mearim, sobretudo agricultores familiares, assentados e comunidades quilombolas. O Médio Mearim encontra-se numa zona de transição entre a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga. Ao longo dos anos, o território perdeu boa parte da sua cobertura florestal nativa, por conta do desmatamento para formação de pastagens e agricultura extensiva. A palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.), que sempre esteve presente na rica composição da vegetação originária que cobria o território, passou a dominar a paisagem em sucessão, tornando-se a espécie florestal predominante, cobrindo vastas áreas chamadas de babaçuais, que se tornaram a base do sustento de milhares de famílias no Médio Mearim.

Por essa razão, as comunidades lutam pela proteção das palmeiras, que sofrem pressão graças à tendência de sua eliminação por pecuaristas. Essa luta é protagonizada principalmente por mulheres, as quebradeiras de coco, que, além de coletar e processar o coco-babaçu, se organizam em movimentos sociais para garantir o acesso livre aos babaçuais, tanto em áreas públicas como privadas.

No início de 2017, a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) iniciou



uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio do projeto Bem Diverso, para viabilizar a disseminação e replicabilidade de boas práticas de manejo agroextrativista realizadas no Território da Cidadania do Médio Mearim, Maranhão.

Um dos objetivos da atividade consistia em reconhecer e dar visibilidade ao esforço concreto do dia a dia das famílias agroextrativistas da área de atuação da Assema.

Com base em processo conduzido pela Assema, foram selecionadas 30 famílias entre as unidades produtivas agroextrativistas, em nove municípios do território. A seleção levou em conta o destaque das famílias na condução de uma ou mais das seguintes atividades: 1) reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade; 2) cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; 3) cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; 4) cultivo comercial de hortaliças; 5) pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; 6) inovações na criação de pequenos animais; 7) processamento de frutas, mandioca ou leite; 8) processamento do coco-babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

A sistematização e a apresentação das iniciativas locais bem-sucedidas das famílias selecionadas, no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu, bem como os principais componentes do modo de vida de unidades familiares de produção no Médio Mearim são apresentados nos 30 volumes da coleção. Cada publicação retrata, portanto, o trabalho muito mais amplo realizado por centenas de famílias no território.



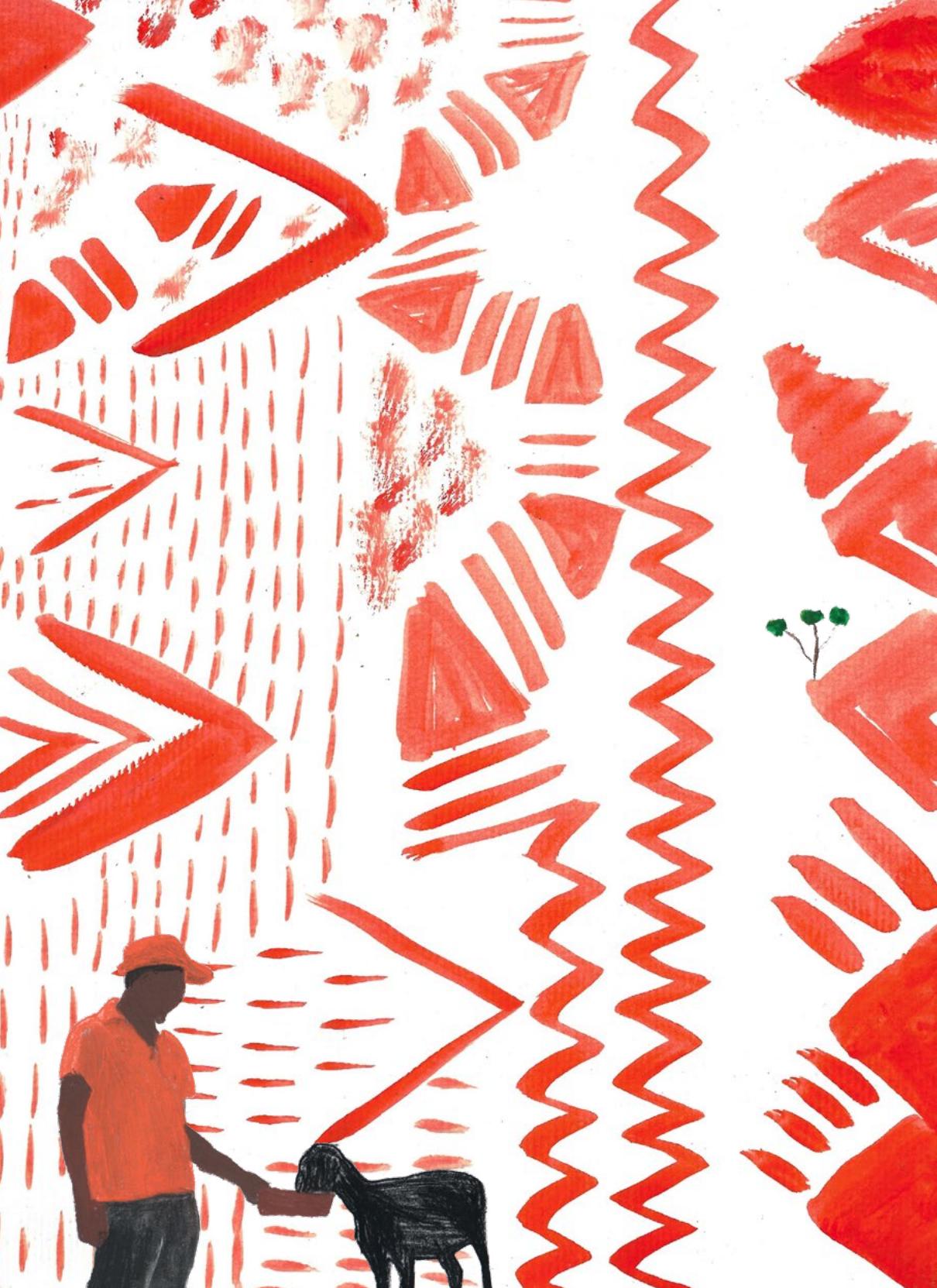
Este volume consiste na sistematização das iniciativas e práticas de manejo realizadas no estabelecimento rural da família Monteiro, no povoado Canafistula, município de Esperantinópolis, MA. A família se destaca pelas inovações na criação de pequenos animais.

É importante destacar que, em praticamente todos os casos sistematizados, a iniciativa das famílias não se restringe a apenas uma atividade principal. É comum que duas ou três atividades predominantes sejam integradas no estabelecimento rural, onde também são executadas diversas outras atividades complementares.

Em cada caso, identificam-se as dimensões do caráter exitoso observado pela equipe de pesquisadores, técnicos e agentes de desenvolvimento que conduziram este trabalho ao longo de 18 meses, colhendo depoimentos, imagens e gerando textos que poderão ser utilizados em processos de aprendizado e compartilhamento do conhecimento, contribuindo, assim, para a divulgação do esforço desses mestres e mestras do agroextrativismo no Médio Mearim.

Convidamos, assim, leitores e leitoras a conhecer e compartilhar essas histórias.

Raimundo Ermino Neto
Coordenador-Geral da Associação em
Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão



Sumário

Breve trajetória **15**

Estabelecimento familiar **19**

Diversidade
na produção animal **25**

Meios de vida **33**

Lições aprendidas e desafios **41**

Referências **43**



O casal Francisca e Paulo com os filhos Paulean e Carlean.



Breve trajetória

A quebradeira de coco Francisca Nelma Brito Monteiro (42 anos) é casada há 24 anos com o agricultor Paulo de Sousa Monteiro (49 anos). O casal possui quatro filhos e mora na comunidade de Canafistula, distante 12 km da sede do município de Esperantinópolis. Dentre os filhos, Paulean (23 anos) e Ellen (17 anos) moram com o casal. Durante a semana, Ellen estuda na cidade, ali permanecendo na casa que pertence a seus pais. Os outros dois filhos casaram-se há 1 ano e residem em Esperantinópolis: Carlean (22 anos) trabalha no estabelecimento dos pais durante a semana, e Elane (18 anos) cursa o terceiro ano do ensino médio. O pai de Paulo, Luís de Sousa Monteiro, conhecido por seu Gonzaga, se separou da esposa em 2010 e, há 5 anos, passou a morar com a família.

Paulo e Francisca nasceram em Jenipapo, povoado vizinho distante apenas 1,5 km de Canafistula. Paulo chegou com os pais ainda criança em Canafistula, quando tinha 12 anos. Ele se lembra que “no tempo que cheguei aqui era floresta e as caças andavam era peitando uma na outra”. A mãe de Paulo, Maria de Sousa Monteiro, nasceu em 1942 no povoado de São Raimundo, enquanto seu

Gonzaga havia nascido 10 anos antes em Santo Antônio dos Vieiras, ambos povoados do município vizinho de Igarapé Grande. Em 1965, seu Gonzaga se mudou para Jenipapo por intermédio das famílias Paiva e Alcântara, pois já colocava roças no entorno do povoado, mesmo morando em outro município. Seu Gonzaga era filho de piauienses, que, nos anos 1920, haviam migrado para Pedreiras.

Foto: Aline Nascimento



Capoeira com babaçual denso em Canafístula.



Já Francisca se mudou para Canafístula somente depois do casamento. Seus pais são cearenses e migraram para o Maranhão por causa da seca que atingiu a região semiárida do Ceará, tornando inviável o desenvolvimento da agricultura. O pai, Aristides Canuto de Brito, nascido em Juazeiro, chegou a Jenipapo, ainda solteiro, em 1960. A mãe, Antonia Alcântara de Brito, tem origem no município de Tarrafas. Ao chegar ao Maranhão, em 1964, com 24 anos de idade, instalou-se em Jenipapo. Relembrando as narrativas da mãe, Francisca conta que “a única esperança de chuva era no dia de São José, porque com uma chuva plantava e colhia. Então, se não chovesse para plantar o feijão, todo mundo podia arrumar sua bolsinha”, o que significava arrumar as malas para procurar outro lugar. Desse modo, atraída pela possibilidade de terras livres e férteis e impulsionada pelos relatos de parentes que haviam migrado tempos antes e que sempre noticiavam as maravilhas que o Médio Mearim guardava, a família veio povoar as terras maranhenses em busca de um local que não fosse castigado pela seca e onde pudesse cultivar a terra.

O nome do povoado Canafístula se deve a uma árvore leguminosa da flora local [*Peltophorum dubium* (Spreng.) Taub.], cuja madeira é utilizada em cercas e na construção de casas. O morador que situou o povoado em meados dos anos 1950, era chamado Pompeu. Outras famílias pioneiras foram as de Raimundo Biel e Benedito Mesquita. Este último vendeu seu direito de posse sobre 50 ha (hectares) a seu Gonzaga, em 1979. A posse foi paga com a produção da roça daquele ano, e, em julho de 1980, a família se instalou na terra, que ainda hoje é uma posse não regularizada.

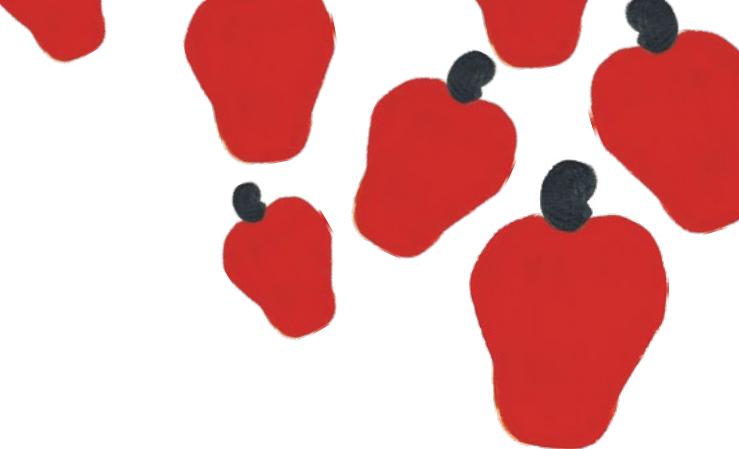
O povoado nunca passou de cinco famílias residentes. Muitos moradores deixaram Canafístula em razão do caminho de acesso, que, até hoje, é ruim, e pela falta de eletricidade. Atualmente, restam somente duas casas habitadas em Canafístula.



Residência da família Monteiro, em Canafistula, Esperantinópolis.

Uma das casas habitadas que restam no povoado pertence ao casal. A outra é habitada por dona Maria, mãe de Paulo, que ali reside com outro filho, chamado Lister (46 anos). A última família a deixar o povoado foi a de Acelino Alves da Silva, que, desde a década de 1970, acompanhou seu Gonzaga nas reivindicações pelo acesso à terra. Acelino possuía 50 ha de terras, incluindo uma área bem formada com fruteiras produzindo em sistema agroflorestal (SAF), implantado em 2001, com apoio da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) e do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Esperantinópolis. A Assema passou a acompanhar a família de Paulo Monteiro em 2013, quando esta participou do projeto Ater Agroecologia.

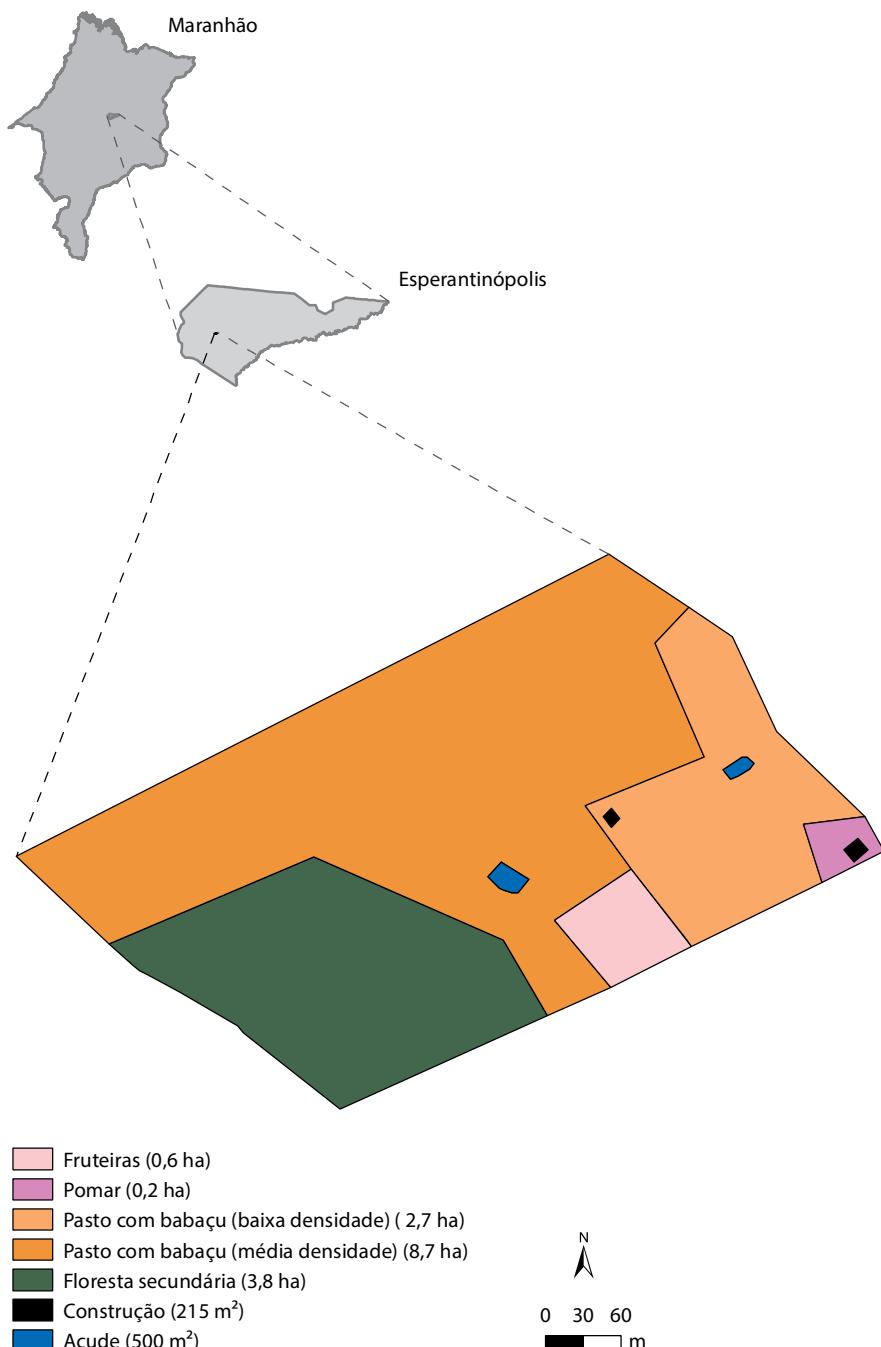




Estabelecimento familiar

O mapa a seguir representa o estabelecimento da família, adquirido em 1997, quando Antônio Bianor, antigo morador, se mudou para o estado de Roraima. O estabelecimento, denominado Fazenda São Paulo, localiza-se ao lado da terra adquirida em 1979 por seu Gonzaga. Na área de cerca de 16 ha a família mantém uma floresta secundária de 3,8 ha, que “desde quando compramos era mato que o fogo não tinha entrado, e venho deixando, porque acho bonito passarinho dentro da floresta, árvores grossas, tudo frio”.

A floresta secundária tem papel fundamental na proteção do solo e dos recursos hídricos, na conservação de habitats para a fauna silvestre, e por ser fonte de produtos madeireiros e não madeireiros. O sabazeiro é espécie madeireira encontrada na reserva florestal da família, e é muito utilizada para cercas. Outras espécies utilizadas são o capoeiro, próprio para o teto de casas, atameijú, laranjinha, maçaranduba e cedro. A família afirma que “tem muito pau bonito para se formar”. Essa floresta é mantida para compensar as árvores retiradas nos 11 ha de pastagem, formada com capim-braquiária e mombaça.



Localização e croqui do estabelecimento familiar.

Fonte: Adaptado de Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

As pastagens estão divididas em cinco piquetes. Na maior parte, foi mantida uma densidade média de babaçu (entre 30 e 60 palmeiras por hectare), embora certos trechos apresentem densidades mais altas e em outros a densidade seja mais baixa.

Paulo iniciou a criação de bovinos há 30 anos, pois “quando era menino de 12 anos e queria comprar uma vaca, o velho [seu Gonzaga] não deixava porque era tempo da ditadura e [os trabalhadores] eram contra fazendeiros nesse tempo.”



Foto: Aline Nascimento

Área de pastagem em que ocorre alta densidade de palmeiras babaçu.



Luís de Sousa Monteiro, o seu Gonzaga.

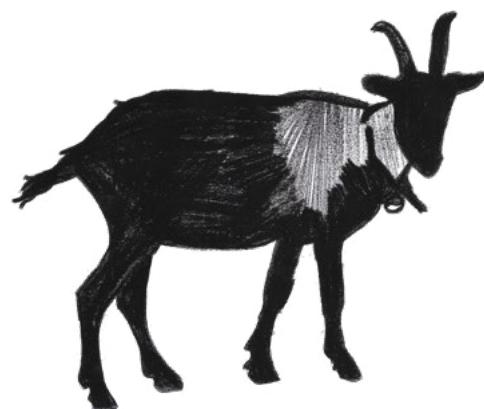
No dia 7 de maio de 1972, seu Gonzaga contribuiu para a fundação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Esperantinópolis, e foi eleito tesoureiro na chapa do presidente Silvino Barbosa. Ao lado de Lourenço Moura de Oliveira, Miguel Marques Costa, Manoel Rodrigues, Manoel de França, Antônia Maria da Conceição, Mauro e João Paiva, José Florentino da Silva e Acelino Alves da Silva, entre outros, participou do movimento sindical que lutava pelo direito à terra e ao acesso a políticas públicas. Desde a sua fundação, os sindicalistas de Esperantinópolis enfrentaram as forças dominantes do poder local. Seu Gonzaga não conquistou terras para sua própria família, mas está satisfeito por ter contribuído para que mais de 300 famílias do município alcançassem o direito à terra por meio dos árduos conflitos, que resultaram nas conquistas das glebas Palmeiral-Vietnã, Cipó-Canaã e Furo da Pipa.

Um açude foi construído no interior da pastagem, para fornecer água ao rebanho. No período do inverno o açude cobre uma área de 0,2 ha. Ao redor da residência, localiza-se o quintal que inclui canteiro suspenso para hortaliças, galinheiro e pomar, no qual foram plantadas diversas árvores frutíferas.



Quintal ao redor da residência da família Monteiro.







Diversidade na produção animal

A família Monteiro cria bovinos, ovinos e caprinos. O rebanho bovino é composto por 22 animais mestiços criados no sistema extensivo: 1 touro, 10 vacas, 5 novilhas e 6 bezerros, além de 4 animais de montaria e 1 jumento. A finalidade principal desta criação é a venda de animais. A família vende em média 700 kg (quilogramas) de carne bovina por ano. Os animais são vendidos vivos, ao preço de R\$ 8,50/kg, a açougueiros de Esperantinópolis. A produção de leite limita-se à necessidade de consumo da família, ou cerca de 5 L (litros) por dia. Paulo sempre fornece sal mineral ao rebanho, além de aplicar vermífugos duas vezes ao ano e aplicar as vacinas contra febre aftosa, raiva, brucelose e 10-males (doenças causadas por bactérias, como carbúnculo sintomático, tétano e botulismo).

Há cerca de 6 anos, a família aproveita a pastagem para também criar caprinos e ovinos, dando preferência a animais mestiços com aptidão para produção de carne. Atualmente, o rebanho caprino soma 10 cabeças: 3 cabras, 4 cabritos, 2 novilhas de cabras e 1 reprodutor. Já os ovinos somam 35 cabeças: 15 ovelhas, 5 novilhas, 10 cabritos, 4 carneiros castrados e 1 reprodutor.



Rebanho bovino da família.

O rebanho de caprinos tem muitas características da raça Boer, embora também sejam criados caprinos sem raça definida (SRD). Já o rebanho de ovinos é resultado do cruzamento das raças Santa Inês e Dorper. A intenção da família ao combinar algumas raças é “variar a qualidade dos animais”.

Os animais mestiços são mais rústicos e não apresentam problemas de adaptação à região. Os caprinos e ovinos recebem o mesmo tratamento e, apesar de apresentarem comportamentos distintos, Paulo ressalta que a principal diferença entre eles é quanto ao sabor da carne, sendo que “a carne do carneiro é melhor na brasa (assada) e a do bode de todo jeito é boa”. Já ovinos e caprinos, também vendidos vivos, têm sua carne valorada a R\$ 16,00 por quilograma.



Foto: Aline Nascimento

Palmeiral em área de pastagem.



Foto: Aline Nascimento

Rebanho de ovinos e caprinos da família Monteiro.

Caprinos Boer, ovinos Santa Inês e Dorper

A raça de caprinos Boer resulta do cruzamento de várias raças, especialmente da Indiana com a Angorá, e é originária da África do Sul. São animais de rápido crescimento, fortes e resistentes, robustos, pesados e harmônicos. É a melhor raça caprina para produção de carne. Os animais apresentam pelagem curta de cor branca em todo o corpo, exceto nas orelhas e na cabeça, que são de coloração vermelha, variando do claro ao escuro, com faixa branca na face. Produz em torno de três crias a cada 2 anos. Os cabritos são de rápido crescimento, e as cabras têm alta fertilidade. Animais de pelagem uniforme, rústicos e com boa adaptabilidade. O peso médio ao nascer é de 4 kg. Os machos adultos pesam, em média, 95 kg, e as fêmeas, 85 kg.

A raça de ovinos Santa Inês surgiu, provavelmente, do cruzamento da raça Bergamácia com a raça nativa Morada Nova. Despontou como excelente alternativa para criadores brasileiros que buscavam animais de grande porte, pelagem curta, produtivos e bem adaptados às condições do Brasil. A cor do pelo é preta, vermelha, branca ou chitada. A ovelha produz cerca de quatro crias em três partos, e o peso médio das crias ao nascer é de 3,5 kg e, ao desmame, 18 kg em regime de pastagem nativa. O ganho de peso médio no período dos 56 aos 84 dias de idade é de 120 gramas (g) por dia em pastagem nativa, ou seja, engordam aproximadamente 1 kg a cada 8 dias. O peso médio dos machos adultos é de 70 kg a 80 kg, e o das fêmeas, de 50 kg a 60 kg. A raça é a mais recomendada nos cruzamentos para produção de carne.

A raça Dorper tem origem na África do Sul, a partir do cruzamento entre as raças Dorset Horn e Blackhead Persian. É ótima produtora de carne, com animais robustos. Apresenta excepcional adaptabilidade, robustez e excelentes taxas de reprodução e crescimento, além de boa habilidade materna. A raça apresenta animais tanto de cabeça negra como branca. É uma das mais férteis raças de ovinos sem chifres, com bom comprimento corporal e cobertura de pelos e lã claros e curtos. O peso adulto dessa raça é de 80 kg a 120 kg nos machos, e 60 kg a 90 kg nas fêmeas.

Fonte: Eloy et al. (2007), Villela (2018).

A área de pastagem é dividida em cinco piquetes, de modo que os animais “ficam mudando de um para outro, para poder recuperar o pasto. Porque se deixar num corpo só, quando acaba, aí zera”. Ovinos e caprinos permanecem cerca de 2 meses em cada piquete, ao longo de todo o ano. Já para os bovinos, o intervalo de rotação é o mesmo na estação chuvosa, mas, no período de estiagem, é reduzido a apenas 1 mês. Segundo Paulo, a criação de ovinos e caprinos é separada da de bovinos porque “os burros, égua, cavalo e jumento correm atrás dos cabritos e burregos novos, chegando até a matar”, problema que não ocorre com o rebanho de bovinos.

Durante o dia, os caprinos e ovinos pastam em um dos piquetes, e, no final da tarde, são presos em um aprisco (curral para ovelhas ou cabras) rústico com cerca de 80 m², construído com materiais disponíveis no estabelecimento.



Foto: Aline Nascimento

Rebanho de ovinos e caprinos sendo recolhido ao final do dia.

O aprisco não tem divisórias para separação de animais, nem baias para as fêmeas paridas e para as que estão em estado de prenhez, o que seria mais recomendável. Paulo comenta que “como passam o dia inteiro em cima da terra correndo, eles dormem atrepados e passam a noite pegando vento, para de manhãzinha estar com os pés tudo enxutinho para pisar em algum molhado”.

A família possui um menor número de caprinos porque estes exigem cuidado redobrado. Os caprinos andam e pastam todo o tempo, buscando as melhores plantas, inclusive suas melhores porções. Paulo costuma soltá-los às 9 horas da manhã e prendê-los às 15 horas, porque “bode é mais fácil de encher a barriga, e depois fica só atentando, porque querem andar muito”.

Foto: Aline Nascimento



Paulo Monteiro com os caprinos no aprisco.



Foto: Aline Nascimento

O rebanho de caprinos apresenta muitas características da raça Boer.

Os carneiros, ao contrário, são mais fáceis de manejar, pois não costumam sair para lugares muito distantes e sempre de deslocam em rebanho. No entanto, “se não passar um, os outros nenhum passa, mas se passar um, nem que fique o couro do espinhaço, passam tudim”.

Paulo reconhece que a criação de caprinos apresenta facilidades na comercialização. A carne de caprino é mais apreciada no mercado local do que a carne de ovino. Além disso, os caprinos apresentam maior eficiência produtiva e reprodutiva, o que, na percepção de Paulo, resulta em que “aumentam rápido, tendo cabras que parem de duas a três crias”. Paulo fornece sal mineral próprio para caprinos e ovinos ao longo do ano e vermífuga todos os animais três vezes ao ano, em janeiro, maio e setembro.



Os ovinos são resultado do cruzamento das raças Santa Inês e Dorper.



Paulo fornecendo ração à ovelha de seu rebanho.



Meios de vida

Paulo considera que “a pessoa que tem um pedacinho de terra dá de viver só dentro dela trabalhando”. Por isso, além da criação animal, também cultiva algumas espécies alimentares básicas, tais como arroz solteiro numa baixada (0,64 ha) e feijão (0,16 ha no sistema abafado e 0,32 ha na vazante). Essas culturas são plantadas nas terras de seu pai, enquanto a vazante fica na represa do açude de seu estabelecimento. A terra é muito fértil para feijão, “ano passado nós catava e antes de 8 dias podia passar no mesmo lugar que estava do mesmo jeito de feijão”.



foto: Aline Nascimento

Paulo trabalhando na colheita de feijão abafado.

No pomar ao redor da casa, encontra-se também uma boa variedade de árvores frutíferas em produção, como cajueiro (60), laranjeira (15), mangueira (10), aceroleira (10), coqueiro (6), goiabeira (6), gravoleira (2), ateira (2), bacurizeiro (2), jaqueira (2), tamarindeiro (1) e caramboleira (1), além de 60 touceiras de bananeira.

Como a terra é “mais viçosa”, não é apropriada para o plantio de algumas árvores frutíferas como a jaqueira e o abacateiro porque “frondam mais, só ficam botando folha, esgalhando”. Portanto, Paulo e Paulean, o mais interessado em fruticultura, estão plantando algumas espécies mais adaptadas às condições locais, como açaizeiro e cupuaçzeiro, com a intenção de diversificar as fruteiras do estabelecimento.

Foto: Aline Nascimento



Paulean na produção de mudas de fruteiras.

Próximo à moradia da família, em canteiro suspenso, são cultivadas algumas hortaliças para o consumo doméstico, como tomate, cuxá (vinagreira), quiabo, maxixe, pepino e feijão-verde.



Canteiro suspenso para produção de hortaliças.



Francisca Nelma debulhando quiabo para retirar as sementes.

Fotos: Aline Nascimento



Sementes de quiabo colhidas na horta da família.



Francisca Nelma peneirando as sementes de quiabo.

Fotos: Aline Nascimento

Outra atividade da família é o extrativismo do babaçu. Francisca é quebradeira de coco e prefere extrair as amêndoas na pastagem localizada a poucos metros da residência. Como os bovinos, caprinos e ovinos sempre estão na pastagem, após a quebra do coco, ela toma o cuidado de limpar o local e retirar todos os cavacos para que não machuquem os cascos dos animais. As cascas do coco quebrado são recolhidas e utilizadas para produzir carvão. Por vezes, o carvão é feito também do coco inteiro, em virtude da abundância do babaçu e da ausência de outras quebradeiras.

No ano anterior à entrevista, Francisca estima que cerca de 260 kg de amêndoas foram comercializadas pela família. Para consumo familiar, produziu 10 L de azeite e 5 L de leite de babaçu, além de 40 kg de sabão feito a partir do azeite de babaçu. Ao longo do ano, utilizaram 250 palhas de babaçu em construções rústicas no estabelecimento. Também utilizaram cerca de 15 latas (75 kg) de paú de babaçu como fertilizante natural, obtido a partir da decomposição dos troncos de palmeiras caídos. A cada 2 semanas são produzidas cerca de 12 latas de carvão de babaçu, o que resulta num total anual de cerca de 1.440 kg, utilizados somente para uso doméstico.

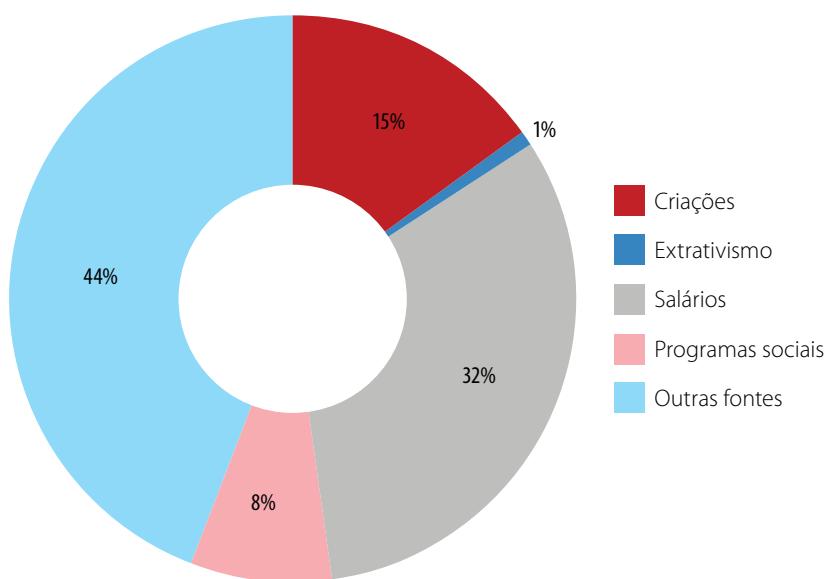
Foto: Aline Nascimento



Francisca Nelma trabalha na quebra do coco-babaçu.

De acordo com informações fornecidas pelo casal sobre as fontes de renda monetária recebidas pela família no ano anterior à entrevista, realizada em dezembro de 2017, a principal fonte de recursos recebidos resulta ter sido um empréstimo bancário da modalidade Pronaf C no Banco do Brasil, para construção de cercas, um açude e a aquisição de dez cabeças de bovinos, entre bezerros e novilhas. Esse aporte chegou a 44% do total recebido pela família ao longo do ano, conforme verificado no gráfico a seguir.

No ano anterior à entrevista, Paulean trabalhava num estabelecimento comercial na cidade, recebendo um salário mínimo mensal, e essa receita constituía cerca de um terço (32%) da renda monetária familiar.



Fontes de renda monetária familiar.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).



Dentre as atividades produtivas desenvolvidas no estabelecimento, a principal fonte de renda monetária foi derivada da criação animal, tendo sido realizada, no ano em questão, a venda de bovinos, carneiros, bodes e suínos, representando 15% do total anual.

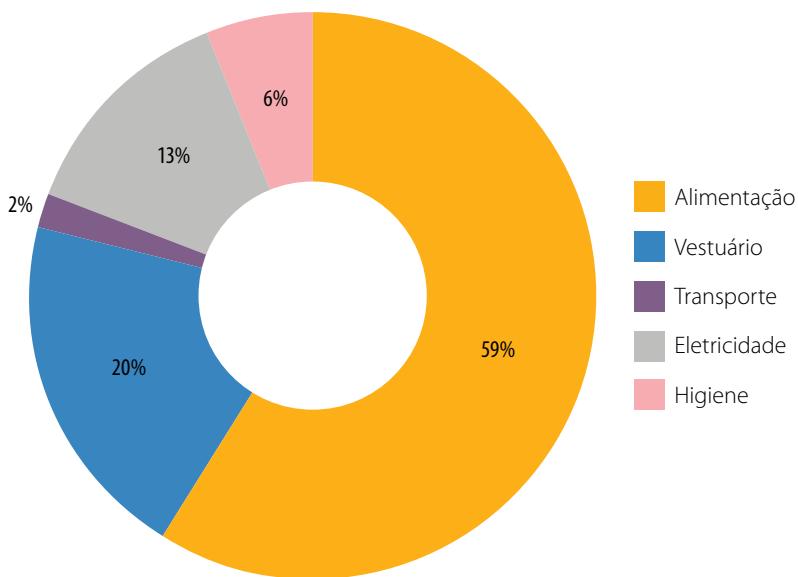
A família comercializa bovinos apenas em momentos de precisão, mas os caprinos e ovinos são abatidos a cada 6 meses. Paulo comenta que “vende mais os comuns porque se for vender os de raça na balança, o preço do quilo não compensa”. Geralmente, as pessoas encomendam a quantidade de carne que desejam adquirir, e alguém da família realiza a entrega. A respeito da caprinocultura, Paulo afirma que “se você tiver pasto e souber trabalhar, dá para obter uma boa renda”.

A agricultura é realizada apenas para suprir as necessidades familiares. No ano pesquisado, o único produto agrícola comercializado foram bananas, num volume modesto. No ano agrícola de 2016/2017, foram produzidos pela família 80 kg de arroz, 60 kg de milho e 60 kg de feijão. Já a renda do extrativismo, relativa à comercialização de amêndoas de babaçu, alcançou apenas 1% do total monetário obtido pela família no ano.

As amêndoas extraídas por Francisca são utilizadas para produção de azeite e de sabão. A respeito da produção de azeite, Francisca comenta sobre seu trabalho: “quebro uma lata, às vezes, mais de duas latas de coco, passo na panela [para torrar] e levo para o Jenipapo, para casa do meu cunhado, para ele passar na forrageira [triturador]”. Os demais produtos derivados do extrativismo do babaçu são utilizados para consumo familiar, inclusive pelos filhos que moram na cidade.

Por fim, os recursos do programa Bolsa Família, num valor mensal de R\$ 217, apoiam o acesso à educação de Ellen, a filha mais nova do casal, e representaram 8% da renda monetária familiar.

Já com relação aos gastos familiares, o gráfico a seguir, elaborado a partir de informações fornecidas pelo casal sobre as despesas realizadas no mês anterior à entrevista, indica que quase 60% do orçamento mensal foi dedicado à compra de gêneros para alimentação, o que demonstra a escolha da família em não destinar o uso de sua terra para a produção de alimentos básicos. Após a despesa com alimentação, os outros itens mais relevantes para o mês pesquisado foram as despesas com vestuário (20%) e eletricidade (13%).



Gastos familiares.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).





Lições aprendidas e desafios

Os desafios da família estão relacionados à criação de caprinos. Paulo afirma não saber se é porque “a área para cá [no Maranhão] não é boa para criação, pois no Piauí só com o vento os bichos ficam todos gordos”. Além disso, houve um ano em que a família perdeu 18 caprinos, provavelmente por causa de uma erva conhecida localmente como coroa-de-cristo, que crescia de forma espontânea na pastagem e estava intoxicando os animais que a consumiam. Mas a erva não é mais encontrada, e, há 4 anos, não morrem caprinos ou ovinos. Os carneiros e bodes machos são castrados pelo próprio Paulo, que utiliza um canivete afiado e aplica o antibiótico terramicina para a cicatrização ser mais rápida, além de um larvicida (mata-bicheira).

Há 3 anos, a família não cultiva roças grandes e, portanto, não produz arroz suficiente para seu consumo ao longo do ano. Francisca gostaria que a roça de arroz fosse bem maior, pois tem vontade de ver a produção ser o suficiente para o ano todo, assim como já acontece com o feijão. Ela afirma que “o arroz de pacote é muito ruim e fica duro depois de cozido quando esfria, e o gosto é diferente desse arroz nosso da roça mesmo”. Paulo alega que há muito serviço nas outras atividades do estabelecimento e que a mão de obra não é suficiente. Mas resolveu ampliar a roça de 2019, e três linhas foram preparadas para plantar arroz e milho.



Francisca Nelma com o filho Paulean.

Apesar dos desafios enfrentados, os conhecimentos que Paulo e Francisca possuem, oriundos das práticas historicamente experimentadas, permitem desenvolver suas atividades produtivas e viver com dignidade no campo. A priorização do agronegócio para grandes proprietários, em detrimento de políticas públicas voltadas à população camponesa, compromete a agricultura familiar, situação sentida e vivida pela família. Desse modo, o casal acredita que, se houvesse maior investimento técnico para orientar o homem do campo, conseguiram fazer melhor proveito da terra e, assim, se manter de maneira mais eficaz. É o que desejam para os filhos, pois tanto Paulean como Carlean, mesmo com experiências de trabalho na cidade, expressam a intenção de estabelecerem moradia em Canafístula, permanência esta que muito se beneficiaria caso programas e instrumentos de apoio fossem proporcionados pelo Estado.



Referências

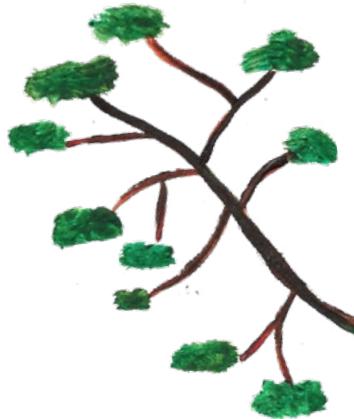
ASSOCIAÇÃO EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO. **Diagnóstico socioeconômico da agricultura familiar no Médio Mearim**: agosto-novembro 2017. [Pedreiras, MA: Assema], 2018. Relatório não publicado.

ELOY, A. M. X.; COSTA, A. L. da; CAVALCANTE, A. C. R.; SILVA, E. R. da; SOUSA, F. B. de; SILVA, F. L. R. da; ALVES, F. S. F.; VIEIRA, L. da S.; BARROS, N. N.; PINHEIRO, R. R. **Criação de caprinos e ovinos**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Sobral: Embrapa Caprinos, 2007. 89 p. (ABC da agricultura familiar, 19).

VILLELA, L. C. V. **Ovinos de corte**: Dorper. Árvore do conhecimento. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/ovinos_de_corte/arvore/CONT000g8k752f602wx5ok0u5nfpmb11ubx5.html>. Acesso em: 20 dez. 2018.







Coleção Mestres do Agroextrativismo no Mearim

Reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade

- Volume 1 O novo reforço na produção agroflorestal de Domingos Mariano e Ivanilde
Quilombo São Bento do Juvenal, Peritoró, MA
- Volume 2 A produção da família Alves de Sousa aliada à recuperação do solo
Centro do Bertolino, Lago do Junco, MA
- Volume 3 A roça agroecológica da família de dona Sibá e seu João Valdeci
Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA
- Volume 4 As vivências da família Sousa Lopes na construção da diversidade
Pau Ferrado dos Procópio, Lago do Junco, MA
- Volume 5 A preservação da biodiversidade pela família Santos
Povoado de Mangueira, Lima Campos, MA



Cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área

- Volume 6 A tradição da família de dona Belinha no cultivo do feijão abafado
Povoado do Lago do Sigismundo, Esperantinópolis, MA
- Volume 7 A recuperação da roça por meio de capoeiras de sabiá da família Soares
Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA
- Volume 8 As vivências da família Martins na produção agroecológica
Povoado Nova Olinda, Lima Campos, MA

Cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental

- Volume 9 As boas práticas da família Pereira Santana
Sítio Novo, Lago do Junco, MA
- Volume 10 Alcimar e Maria de Fátima e a tradicional prática da roça no toco
Vila Nova, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA
- Volume 11 As boas práticas de produção sustentável da família Araújo
Povoado Palmeiral, Esperantinópolis, MA

Cultivos comerciais sustentáveis de hortaliças

- Volume 12 As boas práticas na produção agroecológica da família Furtado
Centro da Zozima, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA



Volume 13 O exemplo da família de Josilene e Mizael no cultivo da horta

Povoado de Três Poços, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 14 As inovações de Rosa e Tião para uma boa produção em pequenas áreas

Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA

Pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais

Volume 15 As boas práticas dos Sousa na criação bovina em babaçuais

Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA

Volume 16 A integração de cultivos, criações e extrativismo pela família Cordeiro

São José dos Mouras, Lima Campos, MA

Volume 17 A experiência da família Meneses no manejo do babaçu em pastagens

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Inovações na criação de pequenos animais

Volume 18 A diversidade da criação animal da família Monteiro

Povoado Canafistula, Esperantinópolis, MA

Volume 19 A integração das atividades produtivas da família Sousa

Povoado Baixinha, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 20 Sebastião e Maria de Fátima: produção aliada à conservação

Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA



- Volume 21 A vivência dos Freitas no manejo da roça e na criação de aves
Povoado de Alto Alegre, Lago da Pedra, MA

Processamento local de frutas, mandioca e leite

- Volume 22 A diversificação da produção de dona Lila e seu Toinho
Comunidade Centro dos Cocos, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA
- Volume 23 Dona Beta e seu Matias pela preservação da vida e do solo
Estrada da Vitória, Poção de Pedras, MA
- Volume 24 As boas práticas de produção e processamento da família de Lúcia e Chico Fartura
Povoado Serrinha, Igarapé Grande, MA
- Volume 25 A qualidade da produção tradicional de queijo por Francisca e José Meneses
Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato

- Volume 26 Os saberes da família Rego da Silva e o artesanato com babaçu
Centro do Coroatá, Esperantinópolis, MA
- Volume 27 As boas práticas de dona Alódia na produção do sabonete de babaçu da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais
Comunidade Ludovico, Lago do Junco, MA

Volume 28 A tradição do coco-babaçu na família de Francilene e Antônio Adão

Povoado São João da Mata, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 29 A produção artesanal de azeite de babaçu da família Santos

Serra Quebrada, Poção de Pedras, MA

Volume 30 Francisca e Miguel e a beleza na produção do pacará

Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA







O projeto Bem Diverso visa contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira em paisagens de múltiplos usos, por meio do manejo sustentável de espécies e de sistemas agroflorestais (SAFs), de forma a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e dos agricultores familiares, gerando renda e melhorando a qualidade de vida.

Fruto da parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o projeto é executado com o apoio de organizações do governo e da sociedade civil com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). As atividades tiveram início em 2016 e vão até 2020. Os principais eixos são a promoção do desenvolvimento sustentável de seis Territórios da Cidadania (TCs), por meio do uso da biodiversidade e de sistemas agroflorestais, e a geração de subsídios para aperfeiçoar as políticas públicas sobre uso sustentável e conservação da biodiversidade.

O Bem Diverso atua nos biomas Cerrado, Caatinga e Amazônia, reconhecidos pela importância socioambiental, mas ameaçados pelo desmatamento e aumento de práticas agrícolas insustentáveis. Nesses biomas, o projeto trabalha diretamente em seis TCs: TC Alto Rio Pardo (MG) e TC Médio Mearim (MA) no bioma Cerrado;

TC Sobral (CE) e TC Sertão de São Francisco (BA) no bioma Caatinga; e TC Alto Acre e Capixaba (AC) e TC Marajó (PA) no bioma Amazônia.

Os TCs são caracterizados por elevada biodiversidade; pela presença de espécies de plantas de importância econômica, manejadas por comunidades locais; pelo potencial para melhoria da qualidade dos produtos da biodiversidade, desde a coleta, passando pelo processamento até o consumo; e pela possibilidade para desenvolver ações com SAFs.

Contato

Parque Estação Biológica (PqEB), s/nº

70770-901 Brasília, DF

Fone: (61) 3448-4912

E-mail: contato@bemdiverso.org.br

www.bemdiverso.org.br





A Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) é uma organização privada sem fins lucrativos de caráter regional, criada e liderada por agricultores(as) familiares e extrativistas do coco-babaçu. Fundada em 1989, a Assema tem sede na cidade de Pedreiras, localizada na parte central do estado do Maranhão, e tem por missão promover a melhoria da qualidade de vida das famílias agroextrativistas. Instituição parceira do projeto Bem Diverso no Território da Cidadania do Médio Mearim, no Maranhão, a Assema promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais.

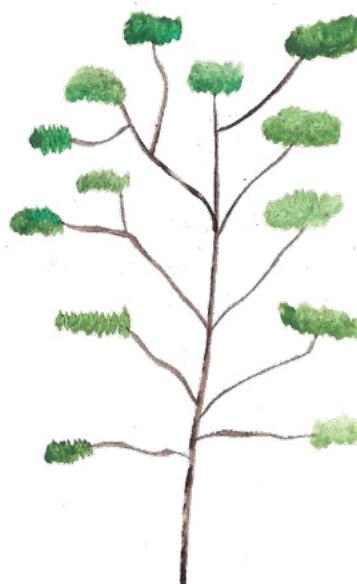
Os objetivos estratégicos da Assema incluem combater as desigualdades de gênero e geração; contribuir para a produção de alimentos seguros e diversificados destinados ao autoconsumo e mercados; gerar renda por meio da organização dos processos comerciais cooperativistas e associativos no mercado justo e solidário; apoiar ações de educação contextualizada em escolas públicas rurais e de alternância; e empoderar os sujeitos para a intervenção nos espaços de tomada de decisão em políticas públicas destinadas à agricultura familiar.

A Assema é uma entidade plural que incorpora segmentos e ações diferenciadas, o que tem possibilitado amadurecimento na

forma de gestão participativa em que a orientação de suas ações parte das organizações de base. Para atender a essa dinâmica, conta-se com uma estrutura organizacional composta por áreas de Governança e Gestão Programática, Mobilização e Visibilidade.

Contato

Rua da Painha 551
Bairro São Benedito
65725-000 Pedreiras, MA
Fones: (99) 3642-2061 / (99) 3624-2152 / (99) 3634-1463
www.assema.org.br





Impressão e acabamento





Apoio



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



CGPE 15723